MULHERES NA CIÊNCIA: UMA ANÁLISE SOBRE PROTAGONISMO E PATRIARCADO

WOMEN IN SCIENCE: AN ANALYSIS OF LEADERSHIP AND PATRIARCHY

Yasmin Peres de Oliveira, Claudio Ferreira de Carvalho e Bárbara Domingues Nunes

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Tecnologia,
Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas
E-mail para contato: yasminperes624@gmail.com

RESUMO – O presente trabalho propõe-se a investigar sobre a invisibilidade do protagonismo feminino na ciência. Para entender a motivação e as circunstâncias que envolvem esse fenômeno, foi necessário analisar o desenvolvimento da ciência como um construto humano e, portanto, sujeito a seus ideais socioculturais, por meio de um estudo qualitativo, que contou com revisão e pesquisa bibliográfica. Em vista dessa questão, aborda-se principalmente os discursos patriarcais, que interpretam a mulher como um gênero frágil e de intelecto inferior que influenciaram a forma com que a ciência evoluiu no decorrer dos anos e como ela se apresenta até os dias de hoje, configurando-se como um empecilho à produção das cientistas da atualidade.

Palavras-chave: Mulheres; Ciência; Protagonismo; Patriarcado; Desigualdade.

ABSTRACT – The present work aims to investigate the invisibility of female protagonism in science. To understand the motivation and circumstances surrounding this phenomenon, it was necessary to analyze the development of science as a human construct and, therefore, subject to its sociocultural ideals, through a qualitative study, which included bibliographical review and research. In view of this issue, it mainly addresses patriarchal discourses, which interpret women as a fragile gender with inferior intellect that influenced the way in which science evolved over the years and how it presents itself to this day, configuring stands as an obstacle to the production of current scientists.

Keywords: Women; Science; Protagonism; Patriarchy; Inequality.

Tipo do trabalho: (X) Iniciação científica ( ) Iniciação tecnológica ( ) Extensão

1 INTRODUÇÃO

Apesar de serem maioria em cursos de graduação, segundo a pesquisa feita pela Universidade Federal de Santa Catarina [1], as mulheres representam uma minoria de 42% em posições de "poder" acadêmico, como a docência, como aponta o gráfico apresentado.

Sob esse viés, ao investigarmos mais a fundo iremos também perceber outros aspectos alarmantes quanto a atuação desigual entre homens e mulheres nesse âmbito. Como resultado, esse acúmulo de desigualdades torna-se um empecilho ao prosseguimento do exercício da ciência, induzindo as mulheres a se questionarem se vale a pena ou não continuar no ramo, o que acaba por impedir o acesso e permanência nos cursos superiores e, consequentemente, pesquisas científicas.

Assim, sendo a ciência uma ferramenta utilizada também para problematizar a si mesma, espera-se, a partir dessa análise desconstruir visões insustentáveis e fortalecer uma ideologia de gênero diversificada e igualitária. À vista dessa proposta, o presente trabalho pretende desmistificar o estereótipo de sexo frágil dado a mulher, através de evidenciar o forte protagonismo exercido pelas mulheres nesse campo e compreender a trajetória das mulheres nas ciências, com o intuito de ampliar a visibilidade de discussões a respeito do assunto.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O método científico, conforme Gil (2008) [2], consiste em técnicas sistemáticas para alcançar o conhecimento, fazendo-se essencial descrever a metodologia utilizada para que o trabalho seja considerado científico.

Assim, em primeiro momento, com o intuito de definir o objeto de pesquisa, foi feito uma análise de notícias e reportagens que trazem questões-problema atuais. Desse modo, a partir de publicações como a apresentada pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (2023) [3], que denunciava que as mulheres compõem apenas 28% dos pesquisadores no mundo, verificou-se a situação de desigualdade a qual as mulheres ainda são submetidas até os dias de hoje, em especial na área científica.

Considerando esse cenário, foi estabelecido que o objetivo da presente pesquisa seria investigar as causas e fatores que contribuíram para tal realidade, bem como popularizar e reivindicar a capacidade e produção das mulheres cientistas.

Com o objeto de pesquisa definido, através do Portal CAPES e Scielo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, ou seja, um levantamento de referências teóricas acerca do tema,

seguido por uma revisão bibliográfica, com o objetivo de ter mais contato e refletir mais profundamente sobre a questão.

Por fim, ao considerarmos esses aspectos, podemos caracterizar a metodologia como descritiva, ao passo que especifica um processo e circunstâncias significativas para um certo grupo social, e qualitativa, visto que possui uma abordagem interpretativa do mundo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da história, as mulheres lutaram arduamente para participarem de produções científicas, resistindo fortemente a questões culturais, desde, por exemplo a morte da primeira mulher matemática, assassinada por monges (Araújo, 2020) [4], até a Segunda Onda Feminista nos Estados Unidos, que se ergueu contra as concepções da Revolução Francesa de polarização entre a vida doméstica, onde as mulheres eram impelidas a permanecer, e a vida pública, esfera pertencente aos homens e a ciência (EL JAMAL; GUERRA, 2022) [5].

No cenário brasileiro, a educação feminina no Brasil também foi marcada pela marginalização das mulheres, e foi apenas em 1879 que essas conseguiram iniciar seus estudos no ensino superior. E mesmo assim, em instituições de pesquisa, durante muito tempo, a maior parcela da comunidade ainda era composta por homens. (Araújo, 2020)[6]

Nessa conjuntura, para entendermos a razão dessa exclusão é necessário considerar que, como produto cultural e histórico-social, a ciência foi construída com base na polarização existente entre o feminino e do masculino. A partir dessa visão, em uma análise histórica, podemos transcrever Tomás de Aquino (1225-1274) durante o período renascentista: “uns terão que ser governados por outros mais sábios que aqueles; daí a mulher, mais fraca quanto ao vigor da alma e da força corporal, estar sujeita por natureza ao homem, em que a razão predomina” (SANTOS, 2011) [7]; e ainda Rousseau, que mesmo vivendo ao longo do “tempo das luzes” e considerado “profeta da igualdade”, defendia que: “Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens[...]” (SANTOS, 2011) [7]. Esse prisma de cenários sociais, nos induzem a refletir sobre quais espaços e posições os indivíduos podem e devem desempenhar de acordo com o gênero. Nesse viés, pode-se aferir que existe uma intrínseca associação entre o patriarcado e o âmbito trabalhista. À vista dessas circunstâncias, é imprescindível compreender sobre as particularidades do patriarcado.

Assim, segundo El Jamal e Guerra (2022)[5], o patriarcado consiste em um sistema de submissão e abuso da mulher por parte do homem, tendo a família como base primária e principal. Diante disso, segundo Saffioti (2015) [8], a notável polarização e divisão existentes na sociedade são frutos de uma estrutura dinâmica que surgiu e cresceu apoiada sob um pilar interdependente do patriarcado, racismo e capitalismo, que compõem um conjunto qualificado como subsistemas do sistema mundial. Portanto, o patriarcado é o causador das dificuldades e complicações as quais as mulheres são submetidas no espaço social, que se manifestam em cenários abusivos e desiguais.

Consequentemente, de jeito a manter tal discurso patriarcal, a hierarquia do ambiente científico sempre tendeu a fixar e conservar o homem na posição de poder, dificultando a entrada e manutenção da figura feminina na ciência. Dessa forma, pode-se induzir que a mulher cientista é sujeita a um "modo masculino" para trabalhar, e assim, alcançar reconhecimento e sucesso. Nessa linha de pensamento, portanto, a mulher se vê compelida a seguir um modelo que se expressa em compromissos de tempo integral, grande produtividade e extrema competitividade, uma vez que, no ramo científico, o cientista é valorizado considerando o número de artigos que publica. Contudo, mesmo a inserção das mulheres no mundo científico, isso não significou, necessariamente, a desobrigação para com as tarefas domésticas, no cuidado com a casa e filhos. Prova disso é que, entre 2014 e 2019, de acordo com o IBGE, cerca de 10 milhões de mulheres assumiram a função de chefe de família (Entre…, 2022) [9]. Como resultado, a mulher-mãe-pesquisadora enfrenta uma jornada extremamente cansativa, pois tenta dar conta de todas essas esferas ao mesmo tempo, o que acaba por diminuir sua produtividade científica. Por esses motivos, a mulher, antes de optar pela profissão científica, se vê obrigada a pensar duas vezes. Tal fenômeno reafirma como a comunidade continua a prejudicar o sexo feminino devido a marcas patriarcais, que produzem uma enorme desigualdade que atua em diversos âmbitos.

4 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida anteriormente demonstrou que os resquícios de uma sociedade outrora sustentada pelo patriarcado se revelaram a causa de criação e manutenção de concepções excludentes para com as mulheres na ciência. Isso pois, um cenário que deveria ser um direito social e profissional, impele seus praticantes a uma competição exacerbada e injusta no que tange aos demais deveres femininos impostos pela sociedade. Essas circunstâncias

compõem obstáculos entre as mulheres e seu sucesso na carreira científica. Destarte, é indispensável o incentivo, por parte da comunidade científica e civil, para a continuidade da luta pelo protagonismo das mulheres nas ciências, contra todas as formas patriarcais refletidas na desigualdade de gênero, tanto por revelar suas conquistas, como por se empenhar a identificar condutas preconceituosas.

5 REFERÊNCIAS

1. GRÁFICOS: dados sobre mulheres na UFSC destacam importância da busca de igualdade. diversifica.ufsc.br, [s.l], 11 fev. 2021.Disponível em: https://diversifica.ufsc.br/2021/02/11/graficos-dados-sobre-mulheres-na-ufsc-destacam-importancia-da-busca-de-igualdade/. Acesso em: 04 ago.2023.
2. GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.
3. MATOS, J. Ciência: mulheres representam apenas 28% dos pesquisadores no mundo. [s.l], 31 marc. 2023. Disponível em: https://al.se.leg.br/ciencia-mulheres-representam-apenas-28-dos-pesquisadores-no-mundo/#:~:text=Ci%C3%AAncia%3A%20mulheres%20representam%20apenas%2028%25%20dos%20pesquisadores%20no%20mundo. Acesso em: 6 ago. 2023.
4. ARAÚJO, C. A história das mulheres na ciência. Multirio, [s.l], 11 fev. 2020. Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15509-a-hist%C3%B3ria-das-mulheres-na-ci%C3%AAncia. Acesso em: 9 ago. 2023.
5. EL JAMAL, N. O.; GUERRA, A. O caso Marie Curie pela lente da história cultural da ciência: discutindo relações entre, mulheres, ciência e patriarcado na educação em ciências. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 24, 28 mar. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epec/a/xWGSTWrTb5GmwtryZj4Rjzm/#. Acesso em: 25 jul. 2023.
6. ARAÚJO, C. A história das mulheres cientistas no Brasil. Multirio, [s.l], 11 fev. 2020. Disponível em: https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15510-a-hist%C3%B3ria-das-mulheres-cientistas-no-brasil. Acesso em: 11 ago. 2023.
7. SANTOS, V. M. Sobre mulheres, ciências e discursos. [s.l], 2011. Disponível em: https://docplayer.com.br/8098595-sobre-mulheres-ciencias-e-discursos-1.html. Acesso em 11 ago. 2023.
8. SAFFIOTI, H. Gênero, Patriarcado, Violência. 2.ed.—São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf. Acesso em: 8 ago. 2023.
9. Entre 2014 e 2019, dez milhões de mulheres assumiram a chefia da familia. Movimento Mulher 360, [s.l], 23 nov. 2022. Disponível em: https://movimentomulher360.com.br/numeros/teste-4/#:~:text=O%20Movimento%20%2F%20N%C3%BAmeros%20%2F-. Acesso em: 8 ago. 2023.